

Bruna Laís Marques Fernandes

A adolescência e suas interações nas redes sociais: o corpo e o mal-estar na contemporaneidade

Uberlândia

2022

Bruna Laís Marques Fernandes

A adolescência e suas interações nas redes sociais: o corpo e o mal-estar na contemporaneidade

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Professora Doutora Anamaria Silva Neves

Uberlândia

2022

Bruna Laís Marques Fernandes

A adolescência e suas interações nas redes sociais: o corpo e o mal-estar na contemporaneidade

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Professora Doutora Anamaria Silva Neves

Banca Examinadora

Uberlândia, 07 de fevereiro de 2022

Professora Doutora Anamaria Silva Neves

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Mestre Giovana Leão Caixeta Teixeira

Mestre Bruno Castro Ribeiro

Uberlândia

2022

Agradecimentos

A escrita deste trabalho foi um dos meus recursos para a simbolização do fim deste transformador percurso que é a graduação em Psicologia. Assim, ao escrever os agradecimentos, penso em todas as pessoas que me auxiliaram nessa jornada, direta ou indiretamente.

Agradeço à minha orientadora, **Prof. Dra. Anamaria Silva Neves**, que com sua dedicação, disponibilidade, comprometimento, seriedade, escuta, sensibilidade, conhecimento e paciência tornou a escrita deste trabalho possível. A procurei para orientar o meu TCC, pois as aulas da graduação não foram suficientes para suprir o meu desejo de ouvir e aprender com você. A orientação deste trabalho ainda não foi, mas fico muito grata pelo conhecimento imensurável que adquiri neste processo, que me fez admirá-la ainda mais.

Aos meus pais, **Aristeu e Erilda**, que com seu amor, apoio e dedicação me deram condições para chegar até aqui e em todos os outros lugares e conquistas. Amo vocês incondicionalmente. Também agradeço à **minha família**, com um todo, sobretudo às minhas avós, por todo o carinho.

Aos meus **amigos**, que direta ou indiretamente, me ajudaram neste processo que foi (e ainda tem sido) a graduação em Psicologia e, especificamente, a escrita deste trabalho. As conversas, rolês, reflexões, o apoio e a companhia de vocês foram fundamentais e deixaram tudo mais leve e feliz. Em especial, agradeço aos meus amigos da **Psico 81** por terem dividido as dores e delícias de muitos desses processos comigo, processos esses que foram e vão muito além do acadêmico.

À minha psicóloga, **Regina**, que me acompanha desde antes do início da minha graduação em Psicologia. Muito obrigada pelo acolhimento e dedicação que tanto me transformam e inspiram. Seu cuidado foi essencial nesta caminhada.

Aos meus **professores da graduação em Psicologia** que despertaram, entre outros afetos, admiração e inspiração. Tem um pedacinho de cada um de vocês na profissional que estou me tornando. Agradeço, em especial, à minha orientadora de estágio, **Prof. Dra. Lucianne Sant'Anna de Menezes**, que com sua dedicação, disponibilidade, conhecimento e experiência marcou, marca e continuará marcando profundamente o meu percurso na Psicanálise.

Agradeço aos meus colegas de supervisão **Débora, Diego, Madu, Marcelo e Wagner**. Dividir o processo de escrita com vocês foi maravilhoso. Muito obrigada por cada sugestão, palpite, texto indicado e por me permitirem entrar em contato com o processo de escrita de vocês. Vocês também estão neste trabalho e também me ensinaram bastante.

Aos **técnicos do Instituto de Psicologia**, por tanta cordialidade, competência e dedicação.

Resumo

O presente trabalho objetiva desenvolver um estudo teórico que busca analisar a adolescência e suas interações nas redes sociais, com o aporte da teoria psicanalítica. Especificamente, interessa compreender a exposição do corpo de meninas adolescentes e a produção do mal-estar. Para ajudar a elucidar a teoria, foram utilizadas notícias sobre adolescentes e publicações feitas no Instagram em perfis de adolescentes famosas. Com o auxílio do referencial teórico, foi possível apreender que, na atualidade, o adolescente lida com o esvaziamento do Outro e a internet se torna lugar privilegiado para busca do saber. Nela, o jovem é capturado pelo discurso capitalista e convidado a compartilhar sua intimidade nas redes sociais. Nessas plataformas, a exposição do corpo é um fenômeno comum, que é perpassado por questões narcísicas, mercadológicas e relacionadas à cultura da pedofilia. Além disso, o mal-estar também é um aspecto proeminente da utilização de redes sociais por parte dos adolescentes e parece advir da separação do Outro. Para responder a esse mal-estar, o jovem recorre, entre outras saídas, ao *acting out* e à passagem ao ato, adotando diferentes posições diante desse Outro esvaziado. Por fim, são tecidas algumas provocações e possíveis caminhos para os próximos estudos que visam abordar criticamente os modos de consumo e subjetivação virtuais e, principalmente, as questões subjetivas dos adolescentes na contemporaneidade.

Palavras-chave: psicanálise; adolescente; rede social; mal-estar; corpo.

Abstract

The present work aims to develop a theoretical study, supported by the psychoanalytic method, which seeks to understand adolescence and interactions in social networks. Specially, it is interested in understanding the exposure of the body of adolescent girls and the production of malaise. To help elucidate the theory, news about teenagers and posts made on Instagram on profiles of famous teenagers were used. With the help of the theoretical framework, it was possible to understand that nowadays, the teenager deals with the emptying of the Other and the internet becomes a privileged place for the search for knowledge. In it, the young man is captured by the capitalist discourse and invited to share his intimacy on social networks. On these platforms, the exposure of the body is a common phenomenon, which is permeated by narcissistic, marketing issues and related to the culture of pedophilia. Furthermore, malaise is also a prominent aspect of adolescents' use of social networks and seems to come from separation from the Other. To respond to this malaise, the young person resorts, among other options, to the *acting out* and the passage to the act, adopting different positions in front of this emptied Other. In view of these reflections, some provocations are made and suggested possible paths for future studies, which aim to critically question the modes of consumption and virtual subjectivation and, mainly, the subjective issues of adolescents in contemporary times.

Keywords: psychoanalysis; adolescent; social network; malaise; body.

Sumário

Introdução	9
A adolescência na contemporaneidade e suas interações nas redes sociais	13
A adolescência e a exposição do corpo	18
Adolescência, mal-estar, dor e sofrimento	23
Considerações finais	26
Referências	29

Introdução

Durante minha graduação em Psicologia trabalhei como redatora freelancer em um blog cujo assunto principal eram fofocas sobre celebridades e subcelebridades. Como a fonte das notícias eram as redes sociais, em poucos dias, comecei a acompanhar nesses aplicativos vários perfis de pessoas famosas, muitas das quais eu sequer conhecia.

Assim como a maioria dos redatores do blog, não tinha experiência com redação jornalística e fui aprendendo a buscar e redigir notícias por meio de capacitações fornecidas pelo próprio dono do site e pela observação de outras notícias publicadas nele. Essa minha observação era direcionada às publicações com maior número de visualizações, e com elas, eu tentava entender a forma como os títulos eram criados para atrair o leitor e os conteúdos com mais acessos.

Logo me chamou a atenção, entre essas publicações, a enorme quantidade de acessos de conteúdos com teor sensual, ou que pelo título insinuavam esse tipo de abordagem que, assim como todas as publicações do blog, se originavam de vídeos, fotos e outras postagens feitas nas redes sociais das próprias celebridades noticiadas. Essas matérias geravam, muitas vezes, centenas de milhares de acessos para o site.

Com o tempo, também me debrucei a ler os comentários deixados pelos leitores do site e a observar notícias de outros portais do mesmo nicho que apareciam em destaque nos buscadores. Essas observações me deixaram bastante mobilizada, principalmente pela forma explicitamente objetificada com que os corpos dessas celebridades eram anunciados nas manchetes e nos comentários dos leitores.

Essas celebridades, nas reverberações daquilo que compartilhavam em suas redes sociais, pareciam tornar-se apenas um corpo público e objetificado, não importando se fossem adolescentes ou mulheres. Por vezes, a pouca idade parecia ser um motivo a mais para fetichização desses corpos, fetichização essa que era feita sem nenhuma censura aparente, em

postagens e comentários vinculados a redes sociais pessoais de seus autores. Afinal, como aquelas imagens que as adolescentes compartilhavam do próprio corpo nas redes sociais acabavam tornando-se material para exploração desse corpo como mercadoria pelas mídias e objeto de desejo para os homens, desejo esse expresso sem nenhum interdito?

Para compreender essa exposição do corpo por parte das adolescentes nas redes sociais foi necessário investigar, primeiramente, a adolescência na contemporaneidade, buscando refletir sobre como os jovens se lançam a essas plataformas virtuais. Ao longo desta investigação, foram aparecendo possíveis reverberações do mal-estar, que também foi tema de interesse neste trabalho.

De acordo com Freud (1930/2020), o mal-estar abarca a angústia advinda da culpa do sujeito pela própria agressividade pulsional, que foi recalcada para que ele pudesse ser inserido na cultura. Assim, alguns questionamentos surgiram ao longo desta pesquisa de modo a refletir sobre a forma como os perfis e notícias sobre adolescentes podem elucidar o mal-estar da adolescência. Como essas mídias compartilhadas em redes sociais e notícias podem dialogar com a teoria, ajudando a compreender a construção da subjetividade do adolescente contemporâneo, que se lança às redes sociais?

O presente trabalho objetiva desenvolver um estudo teórico que busca analisar a adolescência e suas interações nas redes sociais, com o aporte da teoria psicanalítica. Especificamente, interessa compreender a exposição do corpo de meninas adolescentes e a produção do mal-estar. Para elucidar a teoria psicanalítica, serão pesquisados os conteúdos compartilhado nos perfis do Instagram de quatro adolescentes do sexo feminino. Essas jovens foram escolhidas pela ampla repercussão nas redes sociais e em outros portais de fofoca, e por serem acompanhadas por milhões de seguidores em seus perfis.

O Instagram foi a rede social escolhida, pois está incorporada ao cotidiano do brasileiro, com 99 milhões de usuários ativos no país (Statista, 2021). Além disso, de acordo com Silva

(2012), essa rede social expõe “o ponto de vista da intimidade, das relações de consumo, das experiências do sujeito” (p. 06), e apresenta, portanto, material relevante para este estudo.

As publicações utilizadas neste estudo foram feitas por Luara Fonseca, Mel Maia, Melody e Sophia Valverde. Os conteúdos mostrados neste trabalho foram compartilhados no Instagram durante o primeiro ano da pandemia da COVID-19 entre 11 de março de 2020 e 11 de março de 2021.

A psicanálise foi escolhida como método de análise desse fenômeno social - a adolescência e suas reverberações nas redes sociais. Segundo Rosa (2004), Sigmund Freud, ao escrever textos como “O mal-estar na cultura” (1930), “Psicologia das massas e análise do Eu” (1921) e “O futuro de uma ilusão” (1927), incluiu, ao construir a psicanálise, a investigação dos fenômenos sócio-culturais e políticos, apontando para uma psicanálise extramuros.

A investigação psicanalítica, para além do contexto clínico é possível, pois, segundo Rosa (2004), a transferência, método e instrumento da psicanálise, não opera somente em situações analíticas; e o inconsciente, objeto de estudo do método psicanalítico, está presente nas mais diversas situações humanas, sociais e culturais. A autora acrescenta que, apesar da prática psicanalítica, no contexto clínico, ser voltada para o singular, sua teoria possibilita a compreensão de fenômenos sem se ater, meramente, à experiência, podendo, dessa forma, construir e ultrapassar o já dito.

A seguir, será tecida a apresentação de cada uma das adolescentes. Os conteúdos trabalhados nesta produção foram extraídos dos perfis do Instagram de cada uma delas, bem como as informações das respectivas quantidades de seguidores que elas possuíam até o dia 11 de março de 2021, a data limite das publicações utilizadas. Não foram abordadas as quantidades atuais de seguidores de cada uma dessas jovens, pois tais números são dinâmicos e podem alterar diariamente, sendo mostrados, portanto, o número de seguidores que acompanhavam as

adolescentes na data final da época na qual suas publicações foram observadas para inclusão no estudo.

Luara Fonseca

Nascida no dia 19 de fevereiro de 2005, Luara Fonseca tinha entre 15 anos e 16 anos durante o primeiro ano da pandemia e 11,3 milhões de seguidores no Instagram no dia 11 de março de 2021. A jovem tornou-se famosa por criar vídeos para diversas redes sociais desde os onze anos de idade, mas é mais conhecida e se define especificamente como tiktokker, ou seja, criadora de conteúdo para o TikTok, aplicativo voltado para o compartilhamento de vídeos. No TikTok, ao final da coleta de dados, a jovem acumulava, assim como no Instagram, 11,3 milhões de seguidores.

Mel Maia

A jovem, que possuía entre 15 e 16 anos durante o período de tempo abordado neste estudo, ficou conhecida em 2012, quando tinha apenas 8 anos, ao interpretar a protagonista Rita, na primeira fase da novela “Avenida Brasil”, da Rede Globo. Após esse trabalho, a atriz fez outras novelas na mesma emissora e atuou em filmes nacionais.

Ganhou maior destaque nas redes sociais em 2019, aos 15 anos, quando interpretou Cássia, na novela “A Força do Querer”. No dia 11 de março de 2021 acumulava 9,8 milhões de seguidores em seu perfil oficial no Instagram.

Melody

Gabriella Abreu Severino era conhecida anteriormente como “MC Melody” e, durante a escrita deste trabalho, adotava o nome artístico “Melody”. Possuindo entre 13 e 14 anos durante o primeiro ano da pandemia, a garota acumulava 9,5 milhões de seguidores no Instagram no dia 11 de março de 2021. Tornou-se conhecida em 2015 quando tinha 8 anos de idade, ao publicar vídeos nas redes sociais cantando composições de funk do pai, que é MC, e

tentando reproduzir registros vocais de apito da cantora estadunidense Christina Aguilera, os quais Melody chamava de “falsetes”.

Sophia Valverde

Sophia Valverde, que tinha entre 14 e 15 anos de idade durante o período de tempo adotado neste trabalho, ficou conhecida ao interpretar a personagem Maria em 2013, na novela “Chiquititas” do SBT, e por fazer outras personagens infantis em novelas voltadas para este público da emissora, além de atuar em filmes nacionais.

Ganhou destaque ao protagonizar, de 2018 a 2020, também no SBT, a novela “As Aventuras de Poliana”, baseada no clássico literário “Pollyanna”, de Eleanor H. Porter. No dia 11 de março de 2021, possuía 12,9 milhões de seguidores no Instagram.

Após essa breve apresentação das adolescentes, será iniciada uma caminhada que visa compreender a adolescência na atualidade, recorrendo-se à teoria psicanalítica como bússola. Essa caminhada, que incluirá a forma como os adolescentes se lançam às redes sociais, será auxiliada pelas publicações feitas nos perfis dessas jovens no Instagram e notícias sobre adolescentes, uma vez que essas mídias serão apresentadas no presente estudo como instrumentos de elucidação da teoria. Assim, serão trabalhadas as seguintes temáticas: a adolescência na atualidade e suas interações nas redes sociais; a adolescência e a exposição do corpo; e a adolescência, mal-estar, dor e sofrimento.

A adolescência na contemporaneidade e suas interações nas redes sociais

Na adolescência, o sujeito deve desvencilhar-se dos significantes paternos, com os quais se identificava até então, para, em contrapartida, conseguir ancorar-se nos significantes culturais, passando a identificar-se com eles. Nesse momento, o adolescente depara-se com a

inconsistência do Outro, percebendo que os pais são seres faltosos, assim como ele (Kelles & Lima, 2017).

Ao mesmo tempo, nesse tempo lógico da adolescência, o sujeito ainda deve aprender a lidar com a inexistência da relação sexual, que ocorre em dois tempos. No primeiro, o qual Cosenza (2015) denomina como o tempo do “véu”, esse adolescente encontra na fantasia um meio de existir a relação sexual. Já no segundo, o do trauma, ele se depara com essa inexistência, sendo auxiliado, pela fantasia do primeiro tempo, a superá-la (Kelles & Lima, 2017). De acordo com Cosenza (2015), é justamente a tensão entre esses dois tempos da adolescência que estrutura a iniciação sexual do adolescente.

Para Cosenza (2015), na atualidade, esse processo estaria atravessado pela ausência do “véu” do primeiro tempo da adolescência, já que o Ideal estaria perdido diante de um gozo sem limites. Sem esse primeiro tempo, o segundo tempo da adolescência também sofreria modificações, uma vez que para se deparar com a inexistência traumática da relação sexual, o adolescente teria que, primeiramente, fazê-la existir pela via da fantasia, no tempo do “véu”.

Gomes, Pedrosa Filho e Teixeira (2021) abordam o tempo da adolescência contemporânea de maneira distinta. Para os autores, na atualidade, estaria acontecendo um alargamento da adolescência para além do período entre os 12 e 18 anos, enunciado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei n. 8.069,1990). Essa visão é corroborada por Birman (2005), que aponta para um início antecipado da adolescência devido à exposição precoce das crianças à violência e sexualidade por meio da mídia.

Gomes et. al. (2021) compreendem também a adolescência como um tempo lógico. Ao relembrares a analogia de Sigmund Freud de que a puberdade consistiria no atravessamento de um túnel, uma vez que o adolescente não estaria “nem lá nem cá”, esses autores metaforizam as redes sociais como um túnel sem fim que, na armadilha do gozo, não permite que esse sujeito o atravesse. Assim, compreendendo que essas plataformas virtuais são intrínsecas à

subjetividade do adolescente contemporâneo, torna-se necessário entender o que são as redes sociais, como funcionam e como os jovens se lançam a elas.

Segundo Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005), as redes sociais são espaços virtuais que reúnem pessoas com objetivos determinados ou que querem simplesmente desenvolver redes de relacionamentos. De acordo com o relatório “Digital In”, em janeiro de 2020, 66% dos brasileiros eram ativos nas redes sociais. Segundo a mesma publicação, no país, os internautas com idades entre 16 e 64 anos passavam em média 3 horas e 31 minutos por dia em redes sociais, e as que possuíam uma maior porcentagem de usuários entre os internautas eram o YouTube, Facebook, Whatsapp, Instagram e Facebook Messenger, respectivamente (Data Reportal, 2020).

Com a pandemia da COVID-19, em 2020, o uso das redes sociais aumentou mundialmente. Dados de uma pesquisa realizada pela consultoria Kantar (2020) apontam que o uso do Whatsapp, Facebook e Instagram por pessoas entre 18 e 34 anos aumentou em mais de 40% no período do isolamento social.

Ao abordar a adolescência, Peixoto Lima (2009) discorre sobre o “esvaziamento do lugar do Outro” (p.114) na contemporaneidade. De acordo com a autora, há uma substituição de referências verticais por horizontais, que, por sua vez, deixam de se orientar pelo simbólico e passam a se guiar pelo imaginário; ou seja, no lugar de uma referência que balize o sujeito adolescente, são encontradas referências múltiplas devido à perda das autoridades. Busca-se um saber sem a mediação do Outro, sendo a internet um lugar privilegiado para isso.

Na internet, surgem novas celebridades por meio de conteúdos compartilhados nas redes sociais e a profissão de criador de conteúdo já figura como um dos desejos da juventude (Kelles & Lima, 2017). De acordo com Kallas (2016), nessas plataformas, os usuários montam espetáculos deles mesmos e buscam a aprovação por meio de curtidas.

Birman (2005) argumenta que, na adolescência contemporânea emergem resquícios da juventude marcada pelo fantasma do heroísmo, que existe desde os tempos do Romantismo. Para ele, a manifestação disso é a captura do adolescente pela cultura do espetáculo, onde o lugar do herói é o da celebridade e todos querem ocupar a cena midiática.

Lacadée (2011) afirma que “o adolescente se prende ao jogo das celebridades efêmeras que vêm completar sua falta a ser, dando-lhe a ilusão de ocupar o lugar daquele que se vê gozar” (p. 33). Assim, de acordo com Kelles e Lima (2017), adolescentes estabelecem uma pseudo-identificação horizontal com esses jovens famosos na internet, pois, de acordo com Lima (2014, citada por Kelles & Lima, 2017), não há referência a um Ideal.

Essa pseudo-identificação se mostra presente no perfil do Instagram da Melody que, ao comemorar os 14 anos de idade, tem, como tema de sua festa de aniversário a cantora Anitta, que, em 2019, tornou-se a cantora latina mais ouvida no mundo em uma das principais plataformas de *streaming* de música (Rolling Stones, 2019). Mesmo já sendo famosa, a adolescente, capturada pela fantasia do heroísmo, não esconde a admiração que sente pela artista e, na ocasião da festa, admitiu que sempre se inspirou nela (Kriss, 2021).

Apesar disso, a jovem e sua família não aceitaram a proposta da cantora de ser sua empresária quando ela completasse 17 anos de idade, por acreditar que já estará em um patamar no qual a artista ou qualquer outro empresário serão desnecessários (Kriss, 2021).

Por outro lado, cabe acrescentar que, para Kelles e Lima (2017), a interação entre o adolescente e a rede social é permeada pelo discurso capitalista. As autoras discorrem que, segundo Lacan, esse discurso não faz laço social, e sim, faz laço com o objeto, possuindo como imperativo o mais-de-gozar.

Em várias publicações no Instagram, Melody aparece ao lado de carros luxuosos e, em uma delas, questiona aos internautas que a acompanham na rede social, se eles haviam gostado do novo carro deles, possivelmente se referindo a ela e seus familiares. Capturada pelo discurso

capitalista, a jovem utiliza o carro, bem de consumo, para conseguir interações com os seguidores, uma vez que o laço é feito com o objeto que, naquele caso, o carro de luxo.

Inserido na sociedade do espetáculo e envolvido pela fantasia do heroísmo, o adolescente utiliza as redes sociais como locais de exposição de si mesmo e a intimidade acaba por ser um dos elementos expostos nessas plataformas. Queiroz & Rezende (2019) tomam a intimidade como o “compartilhamento de experiências do cotidiano em uma relação de confiança mútua entre dois ou mais indivíduos” (p. 01).

Para Sibilia (2016), a intimidade, que outrora tinha como cenário o ambiente privado, acaba por ganhar outros alcances, já que as redes sociais “permitiriam a circulação de um fluxo crescente de presenças virtuais e olhares reais” (p.216). Kallas (2016) corrobora com essa visão e aponta que a intimidade tem sido infiltrada pelas redes, uma vez que os internautas se sentem mais desinibidos ao compartilhar situações no ambiente virtual.

De acordo com Queiroz e Rezende (2019), os internautas, cada vez mais, compartilham o próprio cotidiano, o que pode ocorrer como forma de se aproximarem de outras pessoas, mesmo que sejam desconhecidas. Exemplo disso, é que em um dos vídeos publicados no perfil oficial no Instagram, Melody aparece embaixo do chuveiro, cantando ao tomar banho e lavar os cabelos. Na legenda da publicação, a jovem questiona, aos seguidores, se algum deles também cantava no chuveiro, atitude que envolve o hábito comum e pertencente à vida íntima de muitas pessoas, mas que, nesse contexto, torna-se uma forma de suscitar interações e a aprovação do público.

Nas redes sociais, a intimidade também toma lugar como forma de se aproximar do público em meio a parcerias publicitárias. Em uma foto compartilhada, Sophia Valverde posa ao lado de uma psicóloga, relatando, na legenda da publicação, como a empresa dessa profissional, especializada no tratamento da fobia de voos, teria a auxiliado na resolução do medo que ela sentia ao viajar de avião.

Por outro lado, Lima e Rocha (2020) sinalizam a utilização das redes sociais como suporte para a compreensão do enlaçamento social do sujeito adolescente na contemporaneidade, pois as telas com acesso à internet passam a se ocupar de crianças e adolescentes, oferecendo gozo imediato e podendo levá-los à dependência. Lima (2006) corrobora com essa ideia e esclarece que essa ferramenta possibilita ao sujeito o acesso a um mundo de possibilidades no qual não há adiamento da satisfação, enquanto evita-se o mal-estar e o gozo é físgado. Além disso, para Prioste (2016, citada por Lima & Rocha, 2020), o sujeito adolescente, por vezes, usa a internet como lugar de realização de sonhos e negação de limites; busca a diferenciação de seus pais e o reconhecimento de seus pares; e cria, nesse espaço, um novo mundo.

Outro aspecto proeminente da relação dos adolescentes contemporâneos com as redes sociais é a exposição do corpo nessas plataformas. Esse fenômeno será abordado no próximo tópico.

A adolescência e a exposição do corpo

Para Breitenbach (2018), as redes sociais se mostram como uma versão atualizada do lago de Narciso, no qual o sujeito vê a si mesmo em uma versão distorcida pelas telas. Esse narcisismo é expresso pela autoexposição na publicação de fotos de si mesmo e nas atualizações de status, em uma incessante busca por “curtidas” de outros internautas conectados.

A autora esclarece sobre a autoexposição nas redes como meio de se atualizar o Estádio do Espelho teorizado por Lacan. De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), essa fase ocorreria entre os seis e dezoito meses de idade e, nela, a criança faz uma unificação imaginária do próprio corpo por meio da identificação com a imagem do outro e atualiza essa unificação quando se reconhece na imagem do espelho. Assim como a criança vê a própria imagem refletida como o desejo do Outro, o internauta usa a sua imagem especular, compartilhada nas redes, a favor do seu narcisismo, buscando alcançar o seu ideal de eu narcísico.

Além de questões narcísicas, a exposição do corpo nas redes sociais também é perpassada por questões mercadológicas. Anos antes dos influenciadores digitais venderem a própria imagem em ações publicitárias realizadas em seus perfis nas redes sociais, Maroun e Vieira (2008) já apresentaram o corpo como objeto que “assume valores simbólicos relevantes na atualidade, despertando grande interesse das pessoas e da mídia, podendo ser interpelado, também, pela lógica da cultura do consumo” (p. 172).

Como lugar de mercadoria, esse corpo deve atingir determinados padrões para que sua exposição seja aceita e, para isso, diversos recursos são utilizados, desde a busca por dietas e atividades físicas, até a modelação pela cirurgia plástica. Em alguns perfis das adolescentes escolhidas para este estudo, esses recursos são compartilhados como forma de se aproximar do público, mostrando-os no ponto de vista da intimidade, do dia a dia. Algumas dessas jovens publicaram fotos delas mesmas durante idas às academias de ginástica, mostrando aos seguidores a presença do hábito de praticar exercícios físicos em suas rotinas.

Além disso, a exposição de mudanças estéticas realizadas por essas adolescentes, por menores que sejam, também se tornam uma forma de vender serviços ao público. Nesse sentido, Sophia Valverde fez duas publicações sobre idas ao cabeleireiro: uma juntamente com o profissional, antes que ele realizasse o seu trabalho; e outra sozinha, mostrando o produto do serviço dele, que é o seu cabelo com uma nova cor e um novo corte.

Assim como todos os outros corpos, o dessa jovem também é interpelado pela lógica do consumo. O cabelo, ao ser exposto como produto de um serviço, também ganha o status de mercadoria que, pela via da fantasia, poderá ser comprada com a contratação do profissional com quem a atriz fez a parceria publicitária. De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), a fantasia é um “roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente” (p. 169).

Uma situação semelhante a essa também foi vista no perfil de Luara Fonseca. A jovem anuncia um produto como o “segredo” para que seu cabelo crescesse de maneira rápida e saudável, apontando que esse seria um questionamento frequente de seus seguidores. Mais uma vez, com o anúncio do produto, oferece-se, pela via da fantasia, uma possibilidade de se comprar algo que diz respeito ao corpo de uma jovem.

Inseridos em uma sociedade patriarcal e heteronormativa, os corpos femininos acabam por ser tratados como objetos de funções para os homens, tornando-se aqueles que mais sofrem com esse processo de tornar-se mercadoria e, mais que isso, busca tornar-se uma mercadoria aceitável (Borsoi, 2020). Segundo a mesma autora, o corpo feminino, como objeto, acaba por ser fetichizado e, essa fetichização, na sociedade patriarcal e heteronormativa, faz desse corpo um objeto que desperta atração sexual nos homens.

Esse fenômeno se faz visível em muitos comentários feitos por homens adultos nas publicações nas quais algumas adolescentes deste estudo mostram o próprio corpo. Nos comentários, algumas partes dos corpos dessas adolescentes são destacadas por esses homens como objeto de seus desejos sexuais, que por muitas vezes as nomeiam como “mulheres”.

Em “Fetichismo”, Freud (1927/2020) aponta o fetiche como forma utilizada para a conservação do falo materno, em busca de negar a castração da mãe, e portanto, se defender da própria angústia de castração. No mesmo texto, o autor narra uma forma de fetichismo expressa na psicologia dos povos, citando o exemplo dos chineses que, após mutilarem o pé feminino, passam a venerá-lo com um fetiche, como agradecimento à mulher por se submeter à castração. Desse modo, também é possível pensar sobre o corpo feminino exposto por Borsoi (2020) como mercadoria que, no sentido da fetichização da mercadoria de Karl Marx, é transformado pela força de trabalho, em busca da estética perfeita que desperte a admiração dos homens.

Outro aspecto que parece permear a exposição de meninas adolescentes nas redes sociais, é a cultura da pedofilia. De acordo com Novelli (2020), a cultura da pedofilia consiste em “um hábito social, no qual crianças e adolescentes são sexualizados, de forma a serem vistos como objetos de prazer e padrões de beleza” (p. 16). Grey (2015, citada por Novelli, 2020) aponta que tal cultura é naturalizada socialmente, fazendo com que meninas sejam hipersexualizadas e mulheres sofram pressão para manterem aparência de juventude, dinâmica essa que dificilmente é questionada.

Alguns dados, sobretudo relacionados à utilização da internet, corroboram a existência da cultura da pedofilia. De acordo com Voltolini (2015), em levantamento feito naquele ano pelo jornal “The Economist”, o termo mais buscado no site de conteúdos pornográficos “PornHub”, foi “novinha”, utilizado para designar jovens que, muitas vezes, são crianças ou adolescentes. Além disso, segundo Possati, Rocha, Gomes, Santos e Nicoli (2021), durante a pandemia de COVID-19, as denúncias de pornografia infantil duplicaram no Brasil. Os autores destacam que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069,1990), mídias de adolescentes que possuam nudez explícita também são consideradas como pornografia infantil.

Comentários feitos por homens adultos em publicações compartilhadas pelas adolescentes escolhidas para este estudo também parecem mostrar traços da cultura da pedofilia. Em uma foto na qual a atriz Mel Maia aparece vestida de biquíni, alguns homens hipersexualizam o corpo da jovem, na época com dezesseis anos de idade, reforçando o desejo que sentem e, ao mesmo tempo, chamando-a de “menina”. Em um dos comentários com esse teor, um internauta adulto chegou a destacar que a jovem estaria em uma “fase boa”, mostrando uma possível naturalização do corpo jovem como objeto de prazer.

Outro indício é a quantidade de curtidas que as fotos nas quais as adolescentes expõem o próprio corpo recebem, que é bem maior que em fotos nas quais essa exposição não ocorre.

De acordo com o estudo de Lima e Rocha (2020), no que tange à adolescência, a exposição de corpos nas redes sociais - no contexto do estudo, o Facebook - mostra-se como recurso de reconhecimento social e que possui no número de “curtidas” (interação presente em várias redes sociais) a contabilização desse reconhecimento.

Nesse sentido, Gomes et. al. (2021), abordam o Instagram e o Facebook como dispositivos que incitam os usuários a uma particular posição subjetiva diante do Outro, e a disputa por curtidas e visualizações passam a orientar os laços sociais, que “se organizam preponderantemente em torno da imagem, da exibição e da solicitação do olhar” (p. 92). Ao versarem sobre essa exibição frequente que os adolescentes fazem dos próprios corpos nas redes sociais, Gomes et al. (2021) entendem que esse funcionamento não parece estar orientado para confrontar o enigma do desejo do Outro, já que esse último, assim como sinalizaram Kelles e Lima (2017), encontra-se esvaziado.

Ainda de acordo com Gomes et. al. (2021), na atualidade, o ver e o olhar são substituídos pelo visualizar, o que convoca o adolescente ao ato da exibição. Aprisionados a isso, esses sujeitos são levados à repetição e não à estabilização em relação a esse Outro, pois “O ato obstinado de ser alguém para o Outro parece revelar uma espécie de aprisionamento narcisista, tapeando a castração a partir da ilusão de completamento narcísico” (p. 98).

A exposição dos corpos das adolescentes famosas nas redes sociais também parece despertar reações em seus pares, adolescentes que as acompanham nessas plataformas. Nos comentários feitos por meninas nessas publicações, é possível encontrar o desejo de possuir um corpo semelhante àquele exibido, por exemplo, pela tiktoker Luara Fonseca. Essas manifestações escritas de jovens internautas destacam desde as inseguranças com o próprio corpo até mesmo uma possível motivação para frequentar academias de ginástica para conquistar o corpo que a adolescente famosa possuiria “naturalmente”.

Assim, ao versar sobre a exposição do corpo de adolescentes nas redes sociais, foram abordados aspectos que parecem permear tal fenômeno, tais como o narcisismo, a objetificação do corpo feminino, a cultura da pedofilia e as identificações da adolescência. Diante disso, será iniciada uma discussão teórica acerca do mal-estar da cultura vivenciado pelos adolescentes na atualidade, na qual publicações em redes sociais e situações que ocorreram recentemente serão utilizados como meios de elucidar a teoria.

Adolescência, mal-estar, dor e sofrimento

Em “O Mal-Estar na Cultura”, Freud (1930/2020), discorre sobre a cultura como geradora de sofrimento entre os indivíduos que a compartilham. Para Freud (1930/2020), a cultura pode ser caracterizada :

como a soma total das realizações e dos dispositivos através dos quais a nossa vida se distancia da de nossos antepassados animais e que servem a duas finalidades: a proteção do ser humano contra a natureza e a regulamentação das relações dos seres humanos entre si (p. 337).

No texto, o autor versa sobre como a cultura é construída e se mantém por meio da renúncia das pulsões de agressão, que são inerentes ao ser humano e tornadas inoperantes, voltando-se contra o próprio Eu sob a forma de uma grande consciência de culpa. Essa culpa, por sua vez, nem sempre é reconhecida como tal por aquele que a sente, podendo ser experimentada como forma de mal-estar e angústia. Isso leva Freud (1930/2020) a acrescentar que a culpa é, em última instância, uma “variedade tópica da angústia” (p. 392).

Por outro lado, Freud (1930/2020) também recorre ao desamparo para explicar a existência do sentimento de culpa, já que o mal-estar é a expressão do desamparo no campo social. Em Laplanche e Pontalis (2001), o estado de desamparo é experimentado pelo bebê que, dependendo completamente do outro para satisfazer as próprias necessidades, não consegue

“pôr fim à tensão interna” (p. 112). Assim, os autores ainda acrescentam que é possível viver, na fase adulta, um protótipo dessa situação de impotência, produtora de angústia. Para Freud (1930/2020), o desamparo e a dependência do outros serviria como uma justificativa para o sentimento de culpa gerado pelas pulsões de agressividade, uma vez que elas poderiam levar à perda do amor do objeto que supre tais necessidades.

Birman (2005) aponta para o desamparo que marca a adolescência na contemporaneidade, expresso na fragilização identitária desses sujeitos. Considerando que segundo Freud (1930/2020) a luta da cultura contra as pulsões de agressividade sempre existirá, faz-se necessária uma reflexão sobre como o mal-estar é vivenciado pelos adolescentes na atualidade.

Segundo Peixoto Lima (2009), há um “esvaziamento do lugar do Outro” (p.114), que não é mais capaz de abrigar o adolescente, construindo uma adolescência sem pais e sem mestres. Oliveira e Hanke (2017) corroboram com essa visão e, ao versarem sobre a adolescência na contemporaneidade, apontam para a crise do Outro e a queda da função paterna, que provocaria sintomas relacionados à separação do Outro, tais como depressão, toxicomania e o suicídio.

Birman (2003) aponta que, na contemporaneidade, o mal-estar é experimentado pelo sujeito na forma de dor, e não de sofrimento. Para o autor, diferente do sofrimento, que apareceria com demanda endereçada ao outro, a dor seria uma experiência sem capacidade de construir alteridade. Assim, o indivíduo se entregaria ao padecer solipsista, sem a mediação do outro.

O psicanalista também destaca que o mal-estar está, atualmente, centrado no corpo e na ação. Para Birman (2003), a marca da violência também se evidencia nesse fenômeno e o autor destaca a passagem ao ato como resposta ao mal-estar.

Outros autores também esclarecem que os atos psicanalíticos, que seriam o *acting out* e a passagem ao ato, emergem como formas de responder ao mal-estar. Para Calazans e Bastos (2010), além das inibições, sintomas e angústia, o sujeito pode responder ao mal-estar com os atos. Zanotti (2006), também aponta para os atos como uma resposta do adolescente ao mal-estar e para a autora, a puberdade seria responsável pelo próprio despertar para o mal-estar.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), o “*acting out*” é um termo usado para nomear ações, geralmente impulsivas, que fogem das habituais do sujeito, e que geralmente tomam caráter violento contra si ou contra o outro. Essas ações marcariam a emergência de conteúdos recalçados e se apresentariam em contexto analítico, conectadas à dinâmica transferencial.

A passagem ao ato, assim como o *acting out*, também se apresentaria na forma de ações geralmente impulsivas e de caráter violento. De acordo com Lacan (2005[1962-1963], citado por Ruthes & Lustoza, 2018), a passagem ao ato seria uma forma de deixar-se cair ou sair de cena perante o objeto, separando-se do Outro em busca de se desvencilhar da angústia. Assim, segundo Marcos e Derzi (2013), a passagem ao ato arrancaria o sujeito do registro simbólico, lançando-o ao real.

De acordo com Ruthes e Lustoza (2018), é essa separação radical do Outro que diferencia a passagem ao ato do *acting out*. Assim, enquanto no *acting out* o sujeito buscaria ascender diante do Outro, na passagem ao ato ele cai de cena e cinde com o Outro.

Ao refletir sobre o conceito de *acting out*, um vídeo publicado pela jovem Luara Fonseca no Instagram se torna emblemático. Na ocasião, a adolescente falava sobre ter alcançado a marca de dez milhões de seguidores na rede social, expondo como não estaria sentindo vontade de comemorar, devido aos ataques que ela, a mãe e o namorado estariam sofrendo de internautas. Ao longo de sua fala, a jovem chora ao expor o mal-estar que tais ataques estariam provocando nela, já que estariam afetando drasticamente a sua saúde mental. Em um ato endereçada ao Outro como forma de responder ao mal-estar, Luara escreve, na legenda dessa

publicação, um texto que corrobora com o seu discurso do vídeo, repetindo a frase: “vcs (sic) ainda vão matar alguém...”.

A passagem ao ato também parece se apresentar na relação dos adolescentes contemporâneos com esse Outro esvaziado que, de acordo com Kelles e Lima (2017), pode estar sendo substituído pela internet. Para Oliveira e Hanke (2017), que versam sobre o declínio dos mestres e da figura paterna, a passagem ao ato seria um dos sintomas dessa realidade contemporânea e é caracterizada por uma separação radical do Outro, que busca romper definitivamente com ele.

Essa busca por um rompimento total com esse Outro substituído pela internet parece se mostrar no suicídio do adolescente Lucas Santos. De acordo com reportagem veiculada pelo G1 (2021), a cantora Walkyria Santos encontrou, no dia 03 de agosto de 2021, o filho Lucas Santos já sem vida, após cometer suicídio. Segundo ela, a morte do adolescente teria sido motivada após ele postar um vídeo na rede social TikTok e sofrer ataques de caráter homofóbico.

Ao cometer suicídio, Lucas parece cumprir aquilo anunciado ao Outro por Luara, no qual a sociedade, ali concretizada pelos internautas que realizam ataques nas redes sociais, matariam alguém. No entanto, no lugar de buscar ascender ao Outro, o jovem, por meio da passagem ao ato, aparenta ter buscado sair de cena e romper com ele, separando-se do simbólico e lançando-se ao real como uma forma de lidar com a angústia.

Considerações finais

O presente estudo teórico buscou compreender, com as contribuições da psicanálise, a adolescência na contemporaneidade e suas interações nas redes sociais. Além disso, para ajudar a elucidar essa teoria, foram utilizadas publicações feitas em perfis do Instagram de adolescentes famosas e algumas notícias envolvendo adolescentes.

A partir dos referenciais teóricos, foi possível compreender que este adolescente lida com o esvaziamento do Outro e a substituição de referências verticais por horizontais, o que torna a internet um ambiente privilegiado para busca do saber sem a mediação desse Outro. Na internet, esse adolescente, também se lança às redes sociais, que são muito utilizadas no Brasil e que tiveram esse uso intensificado durante a pandemia de COVID-19.

Nessas plataformas, nas quais surgem celebridades, esses sujeitos estabelecem pseudo-identificações com essas pessoas famosas, que acabam por ocupar o lugar daquele que se vê gozar. A captura pelo discurso capitalista e o compartilhamento da intimidade são aspectos proeminentes do uso das redes sociais por parte dos adolescentes.

A exposição do corpo também é um fenômeno comum nessas plataformas, sendo perpassado por questões narcísicas e, principalmente, quando os corpos em questão são femininos, mercadológicas. Por serem tratados como mercadorias, esses corpos precisam apresentar determinados padrões e são fetichizados, com partes adoradas e tomadas como objetos de desejo sexual. Devido à cultura da pedofilia, corpos femininos adolescentes também são sexualizados e sofrem pressão estética.

No caso das adolescentes, a exposição do corpo nessas plataformas tem na disputa por curtidas e visualizações formas de orientar os laços sociais. O olhar do Outro, que se encontra esvaziado, é substituído pelo visualizar, que convoca o adolescente a se exibir, na dinâmica de repetição, em busca de se tornar alguém para o Outro.

O mal-estar, fenômeno presente em todas as sociedades, quando vivenciado pelo adolescente na contemporaneidade, parece vir da separação do Outro, que se encontra esvaziado. Além disso, também é possível falar da adolescência marcada pelo desamparo, por essa separação do Outro, que se expressa na fragilização identitária desses sujeitos.

Outro aspecto do mal-estar contemporâneo é a sua vivência como dor e não como sofrimento, pois não permite traçar alteridade, uma demanda para o outro. A resposta a esse mal-estar vem muitas vezes pela via do ato, seja pelo *acting out* ou pela passagem ao ato.

Diante das reflexões tecidas, questionamentos e provocações foram suscitadas e podem orientar reflexões e estudos futuros. Tais questionamentos giram em torno da busca pela proteção e de se pensar o cuidado da adolescência contemporânea: é possível que ela se lance à internet e redes sociais sem que seja consumida por essas invenções tecnológicas? Como lidar com as consequências, para os jovens, do esvaziamento do Outro? De que maneira essa juventude pode ser protegida da exposição exacerbada do corpo nas redes sociais? Qual a nossa responsabilidade ética, como sociedade, por esta adolescência?

Essas provocações alimentam o desejo de análise e crítica aos modos de consumo e subjetivação no mundo virtual. Esses questionamentos também ensejam, especialmente, refletir estudos sobre a adolescência e suas questões subjetivas, inspirando o pensar sobre o acolhimento desses sujeitos.

Referências

- Birman, J. (2003). Dor e sofrimento num mundo sem mediação. *Estados Gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial*, 1-7.
- Birman, J. (2005). Tatuando o Desamparo – a juventude na atualidade. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/chasqueweb/edu01011/birman-tatuando-o-desamparo.pdf>
- Borsoi, B. F. G. (2020). Beleza plástica: a fetichização do corpo feminino como mercadoria no espaço heteronormativo. *Revista Geografia em Atos*, 1(16), 61 - 75. Recuperado de <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/7287/Borsoi>
- Breitenbach, A. L. (2018). *Redes sociais: o novo lago de Narciso*. (Trabalho de conclusão de curso). Instituto de Psicologia, Centro Universitário da Serra Gaúcha, Caxias do Sul.
- Calazans, R., & Bastos, A. (2010). Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas. *Revista Fractal*, 22(2), 245 - 256. doi: 10.1590/S1984-02922010000800002
- Cosenza, D. (2015). A iniciação na adolescência: entre mito e estrutura. *@gente Digital Revista de Psicanálise*, (9), 1 - 3. Recuperado de: https://www.institutopsicanalisebahia.com.br/agente/download/009/003_agente09_domenico_cosenza.pdf
- Data Reportal. (2020). *DIGITAL 2020: BRAZIL*. Recuperado de: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-brazil>
- Freud, S. (1927/2020). Fetichismo. Em M. R. S. Moraes (Trad.), *Neurose, Psicose, Perversão* (pp. 315 - 325). Belo Horizonte, MG : Grupo Autêtica.
- Freud, S. (1930/2020). O Mal-Estar na Cultura. Em M. R. S. Moraes (Trad.), *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 305 - 405). Belo Horizonte, MG : Grupo Autêtica.
- G1 (2021, 03 de agosto). *G1*. Recuperado de: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/08/03/apos-morte-do-filho-cantora-walkyria-faz-alerta-vigiem-a-internet-esta-doente-video.ghtml>
- Gomes, A. C. de C., Pedrosa Filho, R. B. de A., & Teixeira, L. C. (2021). Nem ver, nem olhar: visualizar! Sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 24(1), 91 - 99. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/agora/a/vGnfQLMdcQck5HscGGb7wLg/?lang=pt&format=pdf>
- Kallas, M. B. L. M. (2016). O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso*, 38(71), 55-63.

- Kantar. (2021). *COVID-19 Barometer: Consumer attitudes, media habits and expectations*. Recuperado de: <https://www.kantar.com/Inspiration/Coronavirus/COVID-19-Barometer-Consumer-attitudes-media-habits-and-expectations>
- Kelles, N. F., & Lima, N. L. (2017). Adolescentes no ciberespaço: uma reflexão psicanalítica. *Tempo psicanalítico*, 49(2), 202-233.
- Kriss, E. (2021, 04 de fevereiro). *Notícias da TV*. Recuperado de <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/celebridades/melody-finalmente-sai-dos-13-anos-com-festa-tematica-sobre-anitta-me-inspira-50733>
- Lacadée, P. (2011). *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Laplanche, J., & Pontalis, J-B. (2001). Estado de Desamparo. In V. Faleck (Ed.), *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990 (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm.
- Lima, N. L. de. (2006). O fascínio e a alienação no ciberespaço: uma perspectiva psicanalítica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 58(2), 38 - 50. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v58n2/v58n2a05.pdf>
- Lima, L. de M., & Rocha, T. H. R. (2020). Adolescência e Laço Social: uma leitura psicanalítica sobre o uso do Facebook. *Subjetividades*, 20(Esp.2). doi: 10.5020/23590777.
- Marcos, C. M., & Derzi, C. A. M. (2013). As manifestações do ato e sua singularidade em suas relações com o feminino. *Ágora*, 16(1), 71 - 86. doi: 10.1590/S1516-14982013000100005
- Maroun, K. & Vieira, V. (2008). Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. *Psicologia em Revista*, 14(2), 171 - 186. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-1168200800020001
- Novelli, A. C. P. (2020). “Mulheres jovens para homens maduros” *A cultura da pedofilia na internet a partir de uma análise do Relacionamento Sugar* (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília, Brasília). Recuperado de https://bdm.unb.br/bitstream/10483/28031/1/2020_AnaCarolinaPereiraNovelli_tcc.pdf
- Oliveira, H. M. de., & Hanke, B. C. (2017). Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. *Ágora*, 20(2), 295 - 310. doi: 10.1590/1809-44142017002001
- Peixoto Lima, M. C. (2009). O declínio do mestre e suas relações com o saber na adolescência: novas reflexões sobre a psicologia do escolar. *Estilos da Clínica*, 14(27), 112 - 123. Recuperado de: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46065/49690>.

- Possati, C., Rocha, D., Gomes, L. H., Santos, N., & Nicoli, S. (2021, 03 de setembro). *Estadão*. Recuperado de: <https://www.estadao.com.br/infograficos/educacao,denuncias-de-pornografia-infantil-dobram-durante-pandemia-de-covid-19,1190292>
- Queiroz, B., & Rezende, R. (2019). “Desconhecidos Íntimos”: A transformação da intimidade no Facebook. In *Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* (1 - 15). Belém: [sn]. Recuperado de: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2020-1.pdf>
- Rolling Stones. (2019, 29 de março). *Rolling Stones*. Recuperado de: [https://rollingstone.uol.com.br/noticia/anitta-supera-shakira-como-a-artista-latina-mais-ouvida-no-mundo/\(Rolling Stones, 2019\)](https://rollingstone.uol.com.br/noticia/anitta-supera-shakira-como-a-artista-latina-mais-ouvida-no-mundo/(Rolling%20Stones,%202019))
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 4(2), 329 - 348. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008
- Ruthes, F. R., & Lustoza, R. Z. (2018). Passagem ao ato e acting out: função e sentido da distinção. *Analytica*, 7(12), 120 - 132. Recuperado de: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/2628>
- Sibilia, P. (2016). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Silva, P. I. R. (2012). Dinâmicas Comunicacionais Na Representação Da Vida Cotidiana Instagram: um modo de narrar sobre si, fotografar ou de olhar para se ver. In *Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste* (p. 1 - 15). Ouro Preto: [sn]. Recuperado de <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/r33-1626-2.pdf>
- Statista. (2021). *Countries with the most Instagram users 2021*. Recuperado de [statista.com/statistics/578364/countries-with-most-instagram-users/](https://www.statista.com/statistics/578364/countries-with-most-instagram-users/).
- Tomaél, M. I., Alcará, A. R., & Di Chiara, I. G. (2005). Das redes sociais à inovação. *Ciência da Informação*, 34(2), 93 - 104. doi: 10.1590/S0100-19652005000200010
- Voltolini, R. (2015, 01 de outubro). *TechMundo*. Recuperado de: <https://www.tecmundo.com.br/internet/87350-brasil-lista-terminos-buscados-pais-no-pornhub-divulgada.htm>
- Zanotti, S. V. (2006). *Os jovens e o agir: respostas ao mal-estar* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.